

Queimada nas florestas traz de volta a malária

Dados do Ministério da Saúde indicam que a incidência da malária está aumentando no País. Também conhecida por maleita, febre terçã maligna, tremedeira ou sezão, a malária cresce em consequência dos desmatamentos e da agressão à natureza nas zonas de garimpo. Em 1977, foram notificados 80 mil casos da doença no Brasil. Nove anos depois, em 1986, as notificações subiram para 424 mil 527 e no ano seguinte para 508 mil 684. No ano passado, mais de 600 mil pessoas contraíram a malária no País.

“As queimadas, os desmatamentos e a maneira desordenada de ocupação da região amazônica estão fazendo com que o mosquito *Anopheles* se prolifere. É a resposta da natureza às

agressões que recebe”, explica o superintendente da Sucam, Josélio Carvalho. O garimpeiro chega na Amazônia, faz escavações em busca do ouro, deixa valas onde a chuva penetra e ali se instala o mosquito. Na opinião de Josélio, a malária é hoje amiga do garimpeiro porque “ela espanta concorrentes na busca do ouro”. Inúmeros trabalhadores emigram para a Amazônia em busca de ouro, diamante e cassiterita e saem de lá só com a doença. Atualmente, 96 por cento dos casos de malária do Brasil estão concentrados naquela região.

CONTAMINAÇÃO

O transmissor da malária costuma procurar o homem à

noite, enquanto dorme, para sugar seu sangue. Em seguida, pousa nas paredes para descansar e iniciar a digestão. É necessário borifar as paredes com o inseticida DDT para matar o mosquito e evitar a contaminação da malária em outras pessoas. A doença também pode ser transmitida pela transfusão de sangue de doador infectado, ou pelo emprego de seringas e agulhas contaminadas.

Febre alta, tremor, calafrio, sudorese (grande perda de líquido pela transpiração), dores de cabeça e vômitos são sintomas da malária. A doença debilita a vítima, que fica temporariamente impossibilitada de trabalhar.